

O BRASIL NO *MERCURE DE FRANCE* E O *MERCURE DE* *FRANCE* NO BRASIL (SÉCULOS XIX E XX)

Camila Soares López¹

Resumo: No fim do século XIX, o Simbolismo estabeleceu-se no campo literário francês e, para garantir a difusão de suas obras, seus representantes fundaram as *petites revues*. Nas páginas dessas publicações, não figuraram apenas as contribuições de autores franceses, mas, também, de outras nacionalidades. O *Mercure de France*, cuja *série moderne* data de 1890, foi uma *petite revue* que circulou em Paris e aportou em outros locais, a exemplo do Brasil. Neste artigo, discutiremos a chegada do *Mercure* entre nossos escritores e redações de periódicos, bem como

¹ Professora na Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

discorreremos sobre as rubricas “Lettres Portugaises” e “Lettres Brésiliennes”. Ademais, consideraremos a representatividade de Xavier de Carvalho, Philéas Lebesgue, Figueiredo Pimentel e dos jornais *O Paiz* e *Gazeta de Notícias* nesse diálogo entre França e Brasil.

Palavras-chave: *Mercur de France*; Philéas Lebesgue; Xavier de Carvalho; Figueiredo Pimentel; *O Paiz*; *Gazeta de Notícias*.

LE BRÉSIL DANS LE MERCURE DE FRANCE ET LE MERCURE DE FRANCE AU BRÉSIL (XIXE ET XXE SIÈCLES)

Résumé : À la fin du XIX^e siècle, le Symbolisme s’est établi dans le champ littéraire français et pour garantir la diffusion de leurs œuvres, ses représentants ont créé les *petites revues*. Dans les pages de ces publications, outre les contributions des auteurs français, celles des écrivains étrangers ont été publiées. Le *Mercur de France*, dont la série moderne a vu le jour en 1890, a été une *petite revue* qui a circulé à Paris et dans d’autres pays, comme le Brésil. Dans cet article, nous discutons l’arrivée du *Mercur* parmi nos écrivains et aux bureaux des périodiques, ainsi que nous prêtons attention aux rubriques « Lettres Portugaises » et « Lettres Brésiliennes ». Enfin, nous considérons la représentativité de Xavier de Carvalho, Philéas Lebesgue, Figueiredo Pimentel et des journaux *O Paiz* e *Gazeta de Notícias* dans ce dialogue entre France et Brésil.

Mots-Clés : *Mercur de France* ; Philéas Lebesgue ; Xavier de Carvalho ; Figueiredo Pimentel ; *O Paiz* ; *Gazeta de Notícias*.

INTRODUÇÃO

O Simbolismo foi um movimento de origem francesa. No século XIX, seus entusiastas encontraram a via de divulgação de suas produções nas *petites revues*. *Lutèce*, *Pléiade*, *La Revue Blanche* e *Le Décadent* foram alguns dos nomes que circularam na segunda metade dos anos de 1800. Tais publicações opunham-se à grande imprensa, que dava vez, na maioria das vezes, a nomes já consagrados no campo literário da época. O discurso dos jovens que compunham a redação dessas “pequenas folhas” era o de renovação na literatura e nas artes. Ademais, para eles, não bastava contar apenas com o “leitorado nacional”, considerado “exíguo”: era necessário assimilar o dado estrangeiro (WIFERT-PORTAL, 2002, p. 40), o que fez da estética e dos periódicos que a ela correspondiam um amálgama do cosmopolitismo.

O *Mercur de France* foi uma *petite revue*. Sua *série moderne*,² fundada em 1890 por Édouard Dubus, Louis Dumur, Charles Morice, Gabriel-Albert Aurier e Alfred Vallette (que foi o seu diretor até 1935) priorizou a produção dos *jeunes* e a troca entre literatos e artistas de outros países. Neste artigo, discutiremos como se deu a presença da literatura brasileira no *Mercur de France* e de que maneira a revista aportou em território brasileiro. Para tanto, nas próximas linhas, discutiremos a representatividade de nomes como Philéas Lebesgue, Xavier de Carvalho e Figueiredo Pimentel, bem como o papel dos periódicos *O Paiz* e *Gazeta de Notícias* nos últimos anos da década de 1890 e início do século XX.

MERCURE DE FRANCE: DIÁLOGOS ENTRE FRANÇA E OUTROS PAÍSES

O trânsito de costumes, ideias e de informações ganhou força nos quatro cantos do mundo. A partir do século XVI, o deslocamento de impressos possibilitou essas trocas, o que se intensificou no século XIX, graças a avanços técnicos, tais como a fotografia, o telefone e o telégrafo, permitindo a comunicação entre indivíduos de partes diversas (GRUZINSKI, 2014, p. 235).

Folhas francesas compuseram esse cenário de forma expressiva. *Langue d'imprimérie*, o francês, de fácil compreensão escrita, foi facilitador da criação de uma "comunidade nacional imaginada" (ANDERSON, 2002, p. 55). Além disso, no século XIX, a França destacou-se como centro irradiador de conhecimento e de cultura. Paris era a cidade do progresso, a "capital do luxo e da moda" (BENJAMIN, 1985, p. 36) e atraía diferentes visitantes. Tais epítetos chegaram a outros países e também se instauraram no Brasil. Nesse momento, o interesse pela França se deu em oposição à identidade ibérica, refutada no período pós-Independência. Estudiosos, viajantes e companhias de teatro franceses vinham para o país e aguçavam literatos e artistas, que, indo à França, circulavam em diferentes espaços de sociabilidades. O comércio de livros franceses no Rio de Janeiro era intenso, graças a figuras como Baptiste-Louis Garnier, Ferdinand Brigueit, Jean-Baptiste Lombaerts e Anatole-Louis Garraux. E não somente os grandes órgãos de imprensa e renomados editores franceses estiveram no centro desse processo de diálogos e transferências entre nações, mas, também, aqueles que pertenciam aos agrupamentos de vanguarda. Livros da editora do *Mercur de France*³ e os exemplares da revista estiveram nas estantes de nomes como Alberto de Oliveira e João do Rio – este, próximo de alguns dos assíduos do grupo do *Mercur de France*, como Jean Lorrain, foi descrito pela revista como um dos "grandes intelectuais brasileiros", ao lado de Olavo

² Antes da *série moderne*, desde o período do Absolutismo, outras publicações francesas foram intituladas *Mercur de France*.

³ O empreendimento editorial do *Mercur de France* teve início em 1894, quando o grupo da revista, deixado de lado pelos grandes nomes da edição da época, passou a lançar as obras de seus pares.

Bilac, Coelho Neto e Julia Lopes de Almeida (LEBESGUE, jul. 1919, p. 146). Esses livros também passavam pelas mãos de usuários de bibliotecas cariocas;⁴ de “formato comum”, custavam, antes da Primeira guerra, nas livrarias do Rio, 3 francos e 50 (GAZETA DE NOTÍCIAS, 15 out. 1925, p. 2, 7 col.).

Já em sua redação, localizada no bairro Saint-Germain-des-Près, o *Mercure de France* instituiu-se como mediador e difusor da literatura estrangeira, vista pela maioria de seus colaboradores como parte de um projeto global de “subversão das normas literárias e da liberação da língua” (BALAKIAN, 1985, p. 42). Nesse espaço, Alfred Vallette acolheu redatores de diversas nacionalidades e, desde o surgimento da revista, deu vez às “Lettres” de diferentes países: húngaras, italianas, escandinavas, holandesas, espanholas, russas, hispano-americanas, portuguesa e brasileiras. As “Lettres Portugaises”, assinadas por Philéas Lebesgue, poeta, colaborador da imprensa e primeiro tradutor de *Iracema* em terras francesas, foram a porta de entrada efetiva do Brasil no *Mercure de France*, gerando o posterior nascimento das “Lettres Brésiliennes”. Antes disso, o país foi mencionado poucas vezes: a primeira ocorreu em setembro de 1892, quando foi publicada a resenha da obra *Tiradentes*, redigida em francês por Montenegro Cordeiro;⁵ nessas linhas, de autoria de A. V. (Alfred Vallette), há a descrição de um encontro de estudantes brasileiros na cidade e são elas apontadas como “a história sintética e muito documentada do ilustre brasileiro” Tiradentes (A. V., set 1892, p. 87, tradução nossa). A segunda aconteceu no mês seguinte, com a resenha de *O apostolado positivista no Brasil*, de Miguel Lemos.⁶ O livro recebeu apenas esta consideração: “Brochura cuja apenas o enunciado do título diz a importância e o interesse” (Z., out 1892, p. 178, tradução nossa).

Nos parágrafos a seguir, analisaremos de que modo a literatura brasileira aparece nas rubricas “Lettres Portugaises” e nas “Lettres Brésiliennes”, apontando a importância, além daquela de Philéas Lebesgue, de Xavier de Carvalho e Figueiredo Pimentel.

“LETTRES PORTUGAISES” E “LETTRES BRÉSILIENNES”: O BRASIL NO MERCURE DE FRANCE

A rubrica “Lettres Portugaises” apareceu no *Mercure de France* pela primeira vez em 1897, na “Revue du Mois”.⁷ Philéas Lebesgue, seu autor, era assíduo dos espaços literários parisienses. Nascido em uma região agrícola do norte da França, em 1869, em uma pequena fazenda de La Neuville-Vault, foi autodidata, romancista,

⁴ Dados coletados a partir de pesquisa realizada nos acervos da Biblioteca Nacional, da Academia Brasileira de Letras, da Fundação Casa de Rui Barbosa e do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro.

⁵ Professor de orientação positivista e que teve seu livro editado em Paris por Monnoyer.

⁶ Filósofo brasileiro que circulou por Paris e que fundou a Igreja Positivista do Brasil, no Rio de Janeiro.

⁷ A “Revue du Mois”, rubrica lançada em 1896, consagrava um número maior de artigos concernentes às questões de interesse geral.

poeta – sua primeira coletânea de versos, *Décidément*, foi publicada em 1891, – linguista, dramaturgo e estudioso “fanático das literaturas comparadas” (MAUCLAIR, 1925, p. 2, tradução nossa). Era visto por seus contemporâneos como “intercessor e missionário benévolo das trocas de pensamento” (MAUCLAIR, 1925, p. 4, tradução nossa) e correspondeu-se com literatos de diversos países (AUDIGIER, 2012, p. 51).

No *Mercur*, além das notícias de Portugal, dedicou-se às crônicas das literaturas neogregas e iugoslavas, além de ter traduzido poemas das línguas sérvia e portuguesa. Sua admiração por esta última foi explicada pelo próprio, que a definiu como dotada de um “temperamento lírico e apaixonado”: para ele, a “‘Saudade’ lusitana, com efeito, essa melancolia que faz o encanto estranho dos melhores poetas de lá, parece ser de essência mais particularmente céltica e se sobrepõe às velhas profundezas ibéricas, exuberante, alegre, sensual, apaixonada por vivas réplicas oratórias de espírito e de contrastes” (LEBESGUE, 1925, p. 17, tradução nossa). Também trocou cartas com brasileiros, a exemplo de Figueiredo Pimentel (AUDIGIER, 2012, p. 50), sobre o qual discorreremos posteriormente.

Em abril de 1897, a poesia brasileira esteve nas “Lettres Portugaises” e foram apresentados os nomes de Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Múcio Teixeira e Fontoura Xavier. É relevante o comentário feito por Philéas Lebesgue sobre os “muito novos”, considerando a ojeriza enfrentada pelos que flertavam com Decadentismo e Simbolismo no Brasil do fim de século – estes, aliás, tomados pela atmosfera francesa de renovação, tal qual observamos em periódicos como a *Folha Popular*, do Rio de Janeiro, e *A Pena*,⁸ que se dizia “Órgão da Biblioteca do Clube Doze de Agosto” de Desterro, Santa Catarina e que, posteriormente, se tornou “Órgão do Clube Literário Cruz e Sousa” (1900). Foram ainda relacionados pelo crítico à antiga matriz portuguesa: seriam eles “seduzidos” pelas “magníficas evocações” de Eugênio de Castro, que a eles levaria o dado francês. Para Lebesgue, o Brasil era um “amontoado de promessas excelentes”, que não deveria se perder em “estéreis imitações”, com homens “jovens” e de “talento certo” (LEBESGUE, abr. 1897, p. 175, tradução nossa). Vale ressaltar que o colaborador do *Mercur* não encorajava tensões entre metrópole e a recente ex-colônia: dizia que a primeira ignorava tudo da segunda, e que a segunda seria mais “rancorosa” do que a primeira, e que não deveria, na tentativa de se isolar dos portugueses, aproximar-se de elementos ibéricos da América do Sul.

Já em 1901, o escritor e jornalista Figueiredo Pimentel, que, como já se mencionou, trocava cartas com Philéas Lebesgue – e de quem foi um dos biógrafos e antologistas⁹ – assumiu a redação das “Lettres Brésiliennes”. Em sua apresentação, lamentou o fato de a literatura brasileira ser então ignorada pelos franceses, e agradeceu a Alfred Vallette pelo seu “amável acolhimento” na revista (PIMENTEL,

⁸ Nesse número, aparecem texto de Virgílio Várzea, amigo de Cruz e Sousa e entusiasta do Simbolismo, e versos de Stuart Merrill, apontado pelo periódico como simbolista.

⁹ Informação obtida no periódico *Les Primaires*, nº1, de 1925.

fev. 1901, p. 561). Tentou, nessas linhas, aliar-se às premissas do *Mercure*, afirmando que mostraria primeiro aos leitores franceses os “novos” ou “nefelibatas” do Brasil, segundo ele “muito mais interessantes para o público especial desta revista e para os seus próprios colaboradores”, destacando os nomes de B. Lopes e de Alphonsus de Guimaraens (este apontado como o “religioso de Verlaine”). Em outros momentos, divulgou nomes de periódicos brasileiros, a exemplo da *Gazeta de Notícias*, *Revista do Brasil*, *Revista Contemporânea* e *Capital Paulista*, e apontou o trânsito de impressos entre Brasil e França, indicando ter recebido livros e revistas dos franceses, e, também, afirmando ter apresentado aos seus conterrâneos Remy de Gourmont e Rachilde, todos do *Mercure de France*.

Além de Lebesgue e Pimentel, o contato entre os franceses do *Mercure* e os literatos brasileiros se deu pela contribuição de Xavier de Carvalho. Colaborador da imprensa portuguesa desde os 15 anos de idade, fundou diversos jornais em seu país e sua atuação na França intensificou-se a partir da década de 1880, quando circulou em diferentes meios artísticos e literários. Era próximo de Remy de Gourmont¹⁰ e organizou banquetes noticiados pelo *Mercure*, como o que fora oferecido em honra de Eugênio de Castro em 1896, e que contou com a presença de Catulle Mendès (*MERCURE DE FRANCE*, jul. 1896, p. 191). Na época, eram comuns os eventos de sociabilidades entre os simbolistas franceses, o que se dava como forma de afirmação do movimento, em tempos marcados pela mediação do escritor e pela disputa entre diferentes *ismos*. Para os *novos*, era necessário não apenas noticiar em suas folhas as produções de seus adeptos, mas igualmente reproduzir os aspectos dessa “vida literária”, marcada por colaborações, troca de missivas, entre outras ações. As *petites revues* mantinham as suas *soirées* e eram movidas por pedidos de publicações e trocas de anúncios entre seus redatores e diretores, vivenciando, na estrutura do campo literário, as relações objetivas e de “lutas que visam a conservá-la ou transformá-la”, as quais são intrínsecas às disputas no campo do poder, apresentando “suas próprias leis de funcionamento e de transformação” (BOURDIEU, 1991, p.1, tradução nossa).

Xavier de Carvalho foi descrito pelo *Mercure de France* como “correspondente, na França, dos dois mais importantes jornais de Lisboa e do Rio de Janeiro”. Sua representatividade na literatura luso-brasileira foi apontada por Philéas Lebesgue no *Mercure*, que afirmou ter sido ele o fundador de um comitê franco-português em Paris, que organizava “festas extraordinárias”, e que por meio de jornais como *O Paiz*, do Rio de Janeiro, disseminou “todo o grande movimento literário artístico e internacional” (LEBESGUE, fev. 1898, p. 655, tradução nossa). Era, além disso, assíduo da colônia de brasileiros na capital francesa e fez parte, por exemplo, da redação da *Revista Moderna*. A *Revista Moderna* foi criada por Martinho Arruda Botelho, jovem da aristocracia paulista que vivia na França, e era destinado ao público

¹⁰ Esteve mesmo presente no enterro de Gourmont. Informação disponível em: <http://www.remydegourmont.org/rg/necrologies/gourmont.htm>. Acesso em: 22/05/2016.

brasileiro. Em alguns momentos, a publicação declarou sua afinidade com o *Mercur de France* e com Yvanhoé Rambosson, crítico de arte que foi colaborador do *Mercur* e de *La Plume*.¹¹ Além disso, em seu primeiro número, divulgou a resenha de *Les Jeux Rustique et Divans*, livro de versos de Henri de Régnier, também da revista de Vallette. A *Revista Moderna* chegava ao Brasil e era anunciada pela *Gazeta de Notícias*.

N'O *Paiz*, Xavier de Carvalho escrevia a "Carta Parisiense", onde se mostrou atento a diversas questões relacionadas à política e à cultura da França, suas relações com o Brasil – mesmo as de ordem comercial e econômica, como a fundação do Banco Paris e Rio, de Sebastião Pinho, em 21 de janeiro de 1891 (p. 2, 1 col.) – e, sobretudo, a aquilo que era publicado pelos editores e o que constava dos periódicos franceses. O nome de Valentim Magalhães também nos é revelado por Xavier de Carvalho como um dos agentes no processo de recebimento de *petites revues* no Brasil, pois o jornal *A Semana*, dirigido pelo primeiro, e do qual o português também era correspondente¹² comercializava a *Revue Blanche*¹³ no Rio de Janeiro. O anúncio aparece em 1895, com valor de 15 francos para cada exemplar, soma que podia ser paga "em moeda brasileira com o câmbio do dia", o que amplia nossa perspectiva de circulação dessas revistas:

Entre as mais curiosas revistas literárias da moderna geração francesa, destacamos a *Revue Blanche* (rue Laffite, 1, Paris), órgão de um grupo *d'élite* de escritores, poetas, pintores e artistas. Recebemos regularmente esta publicação que é como já acima indicamos a mais literária de todas as revistas que se publicam na Europa.

Contém em todos os números artigos do grande poeta Stephans [sic] Mallarmé, poemas de Heredia, Verlaine, Gustave Kahn, Vielé Griffin, contos de Paul Adam, Maurice Barrès, Bernard Lazare, Henry Ceard [sic], Auguste Strindberg, fantasias de Tristan Bernard, Velier, uma revista política interessantíssima, uma crônica literária de Lucien Mahlfeld [sic], crônica musical, revista de todo o movimento literário estrangeiro por Henry Albert, Ainys, Victor Barrucaud e *passim* por esse cérebro *d'élite*, esse digno e inteligente moço, Félix Fénéon que esteve implicado, por uma cabala infame, no processo dos trinta, e que tem em Paris e no estrangeiro a estima e a admiração de todos os homens de letras e espíritos

¹¹ *Petite revue* dirigida por Félix Fénéon.

¹² Nas suas cartas ao *Paiz*, Xavier de Carvalho noticiou as visitas de Valentim Magalhães à capital francesa, descrevendo suas atividades e seus encontros com literatos locais.

¹³ *Petite revue* fundada em 1891.

independentes e elevados (XAVIER DE CARVALHO, 18 fev. 1895, p. 2, 4 col).

Nas próximas linhas, destacaremos a presença do *Mercure* não apenas n' *O Paiz*, mas, igualmente, em outro jornal de grande circulação da época: a *Gazeta de Notícias*. Refletiremos sobre a maneira como ambas deram vez à *petite revue* francesa, aos seus colaboradores e referenciais.

O MERCURE DE FRANCE NO BRASIL: O PAIZ E A GAZETA DE NOTÍCIAS.

O Paiz e a *Gazeta de Notícias* foram jornais populares no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. O primeiro foi fundado em 1884 por João José dos Reis Júnior, e o segundo em 1875, por Ferreira de Araújo. Ambos deram vez às contribuições literárias e estiveram afinados às tendências das Letras francesas, inclusive no que concerne às disputas e polêmicas.

Como já se mencionou, o *Paiz* acolheu as notícias de Paris que chegavam por meio de Xavier de Carvalho, e este era conhecido do grupo do *Mercure de France*. Em uma das edições da supracitada “Carta Parisiense”, o colaborador português classificou o *Mercure* como periódico relevante, importante, entre outros epítetos, e mencionou livros que eram assinados por seus colaboradores ou provenientes de sua editora (XAVIER DE CARVALHO, 6 jan. 1893, p. 2, 3 col). Em março de 1898, discorreu sobre a produção intelectual e artística na França, afirmando que o “*Mercure de France* e a *Plume* continuam a ser os dois órgãos mais interessantes da literatura da vanguarda. São indispensáveis para aqueles que querem estar ao corrente de todo o movimento intelectual do mundo” (XAVIER DE CARVALHO, 2 mar. 1898, p. 2, 1 col).

O mesmo banquete em honra de Eugênio de Castro, do qual, como indicamos anteriormente, Xavier de Carvalho fez parte e foi noticiado pelo *Mercure de France* em julho de 1896, apareceu aos leitores da “Carta” em agosto do mesmo ano, o que nos mostra que o intervalo de tempo para a chegada ao Brasil das novas que vinham dos agrupamentos de *avant-garde* não era longo. No *Mercure*, a nota sobre o evento é mais breve, destacando alguns nomes: Brinn’Gaubast, Henri Mazel, Marc Legrand, Edouard Ducoté e o de Xavier de Carvalho. No jornal brasileiro, Xavier de Carvalho descreve o jantar com minúcia, indicando a sua presença na comissão organizadora, o local do evento e os periódicos a ele vinculados, reforçando as sociabilidades do ocorrido. Mesmo o fato de estar próximo de Catulle Mendès é algo explorado, o que, certamente, mostrou aos leitores brasileiros da época sua relevante posição no campo literário francês:

Ontem houve em Paris um grande banquete oferecido por um grupo numeroso de literatos franceses ao poeta português, bem conhecido no Brasil, Eugênio de Castro.

Da comissão organizadora da festa faziam parte: Brini Gaubert [sic], Marc Legrand, Vallette, Henry de Regnier [sic], Maclair, Charles Maurice, Stéphane Mallarmé, Xavier de Carvalho, etc.

O jantar realizou-se no restaurant [sic] Philippe, no Palais Royal. Presidiu Catulle Mendès, que ficou fronteiro a Eugênio de Castro. Estavam presentes quase todos os diretores e secretários das principais revistas de Paris: Fénéon pela *Revue Blanche*, Barthelemy pelo *Mercure de France*, Ducoté pela *Ermitage*, quase toda a redação da *Critique*, do *Cosmopolis*, da *Aube*, da *Revue Encyclopédique*, da *Nouvelle Revue*; etc. etc. Muitos pintores notáveis como Raffaelli, Metivel, etc. O correspondente do *Paiz* achava-se ao lado direito de Catulle Mendès. Vimos também o pintor português Souza Pinto e o escultor português Thomaz Costa.

Por ocasião do brinde, Brini Gaubert leu um longo e bem elaborado discurso sobre a obra de Eugênio de Castro, Marc Legrand (do *Figaro*) leu a tradução de uma recente poesia do último volume *Salomé*, de Castro; Xavier de Carvalho ergueu um brinde em nome dos intelectuais que escreveram em língua portuguesa ao jovem e já tão célebre poeta de *Oaristos* e das *Horas*, ao artista de Balkis e por fim depois de vários pequenos *toasts*, Eugênio de Castro num improviso brilhante saudou a França literária moderna, a grande renascença intelectual dos nossos dias nos centros cultos.

A festa terminou cerca de meia-noite, reinando sempre a maior confraternização literária. Neste banquete achava-se reunida toda a fina flor da literatura moderna em França, desde Dumas e Ducoté e Rictor, poetas de alto valor; do Comte de Montesquiou Tezeusac, uma notabilidade literária moderna (XAVIER DE CARVALHO, 3 ag. 1896, p. 2, 3 col).

Na “Carta Parisiense”, Xavier de Carvalho não deixou de lado uma das figuras mais significativas para o *Mercure de France*: Stéphane Mallarmé. Com o advento

do Simbolismo, os nomes de Mallarmé e de Paul Verlaine foram tomados como matriz para a orientação estética, o que se refletiu nas páginas das *petites revues*. Nesse momento da literatura francesa, era necessária, a partir desses “mestres”, a apropriação de valores para a fundamentação das premissas dos simbolistas no campo literário da época (VERILHAC, 2014, s/p). Quando da morte do autor de *L’Après-Midi d’un faune*, em 1898, Xavier de Carvalho evidenciou as qualidades do caráter do poeta francês, bem como relatou episódios de sua vida e assinalou ter mantido correspondência com o poeta. Ao afirmar que as revistas literárias francesas publicavam diversos estudos sobre Stéphane Mallarmé, demonstrou ter conhecimento daquele assinado por Albert Mockel¹⁴ e publicado no *Mercure de France*: “As revistas literárias, como já dissemos, estudam agora a poesia em suas diversas manifestações. O melhor estudo que até hoje tem aparecido sobre Mallarmé é o de Alberto Mockel” (XAVIER DE CARVALHO, 29 nov. 1898, p. 2, 2 col). Outros “mentores” dos *novos* e, conseqüentemente, do *Mercure* constam da sua coluna: em 1891, mostrou ao leitorado brasileiro qual seria, ainda, o perfil da mulher parisiense do *fin-de-siècle*: leitora de Villiers de l’Isle-Adam, Huysmans, Mallarmé, Laforgue, além de colecionadora da *Vogue* e da *Revue Wagnérienne*, isto é, afinada àquilo que circulava nas *petites revues* (XAVIER DE CARVALHO, 12 maio 1891, p. 1, 1 col). Os assíduos do *Mercure* receberam a sua atenção: Maurice Maeterlinck, dramaturgo simbolista belga, por exemplo, foi por ele classificado como o “grande Shakespeare simbólico” por conta de sua peça *Pelléas e Melisandre* (XAVIER DE CARVALHO, 19 jun. 1893, p. 1, 7 col), a qual tivera a chance de assistir em Paris.

As relações de Xavier de Carvalho com o grupo do *Mercure* perduraram no início do século XX: em 1909, anunciou ter participado do jantar festivo em honra de Saint-Pol-Roux, que contou com a participação dos colaboradores da revista, com destaque para Rachilde; transcreveu e comentou diversos textos publicados na revista de Alfred Vallette – sobretudo os de Remy de Gourmont; e mesmo usou, em 1908, um estudo de Philéas Lebesgue sobre Coelho Neto, publicado pelo *Mercure de France*, para mostrar que revistas francesas falavam do Brasil e para provocar nossos vizinhos argentinos, incitando uma polêmica literária entre os países, com a legitimação de uma “opinião de Paris”:

No último número do *Mercure de France* vem um estudo crítico de página e meia sobre a obra de Coelho Neto. Assina esse estudo rápido – visto tratar-se apenas de uma obra do notável escritor brasileiro, o nosso amigo Philéas Lebesgue, o autor de tantas crônicas tão interessantes e profundamente curiosas da revista de Alfred Vallette.

¹⁴ Escritor, poeta e ensaísta belga.

O escritor francês diz que Coelho Neto é um inesgotável fantasista e que a sua obra, tanto em prosa como em verso é filosófica, sensual, mística, madrigalesca, satírica, amorosa, mas sempre elevada e original. Pouco a pouco, a literatura brasileira vai-se tornando conhecida cá fora. Nas revistas literárias do bairro latino principiam a ser citados meia dúzia de escritores e de poetas brasileiros. E a Argentina... fica às moscas. Buenos Aires, que tem vagas pretensões de imitar Paris, não tem a décima parte de literatos de valor do novo Brasil. É essa a opinião de Paris (XAVIER DE CARVALHO, 16 jul. 1898, p. 3, 7 col.).

Na *Gazeta de Notícias*, o tratamento dado ao *Mercure de France* e seus próximos diferenciou-se daquilo que se publicou n’*O Paiz*. É anedótico, aliás, o modo como um membro do *Mercure* apareceu pela primeira vez no jornal, em 1887: um episódio que envolveu Rachilde, escritora que por anos foi a responsável pela crítica de romances do periódico. Na coluna “Teatros e...”, que não está assinada, ela aparece da seguinte forma:

Na sala dos Capucines, em Paris, fez há pouco uma conferência o Sr. Paulo Devaux [político belga]. Essa conferência foi assinalada com um incidente escandaloso.

No decorrer do seu discurso, o orador fez uma alusão bastante forte a uma atriz muito conhecida e Mlle. Rachilde, uma jovem que fazia parte do auditório, aproximou-se do estrado e fustigou com sua luva a cara de Paulo Devaux.

A esta cena seguiu-se naturalmente um certo tumulto e o elemento feminino, que compunha uma grande parte do auditório, fartou-se de apupar o infeliz conferente (GAZETA DE NOTÍCIAS, 14 fev. 1887, p. 2, 2 col.).

Ao longo da década de 1890, na contramão do posicionamento de Xavier de Carvalho, as tensões literárias entre os simbolistas e os escritores de renome franceses se refletiram nas páginas da *Gazeta* sob um ângulo distinto. Percebemos, portanto, que debates, antagonismos e sobreposições de correntes estéticas eram comuns na França, e tais disputas, que tinham como cenário os jornais e as revistas, também aportaram no Brasil. Depois do caso de Rachilde, notamos que aquilo que era realizado pelo próprio Xavier de Carvalho teve vez na *Gazeta* e esteve no centro de uma certa concorrência entre periódicos: o jornal de Ferreira de Araújo divulgou suas participações em encontros, sua colaboração na *Revue du Brésil* e na já mencionada

Revista Moderna, bem como suas incursões na *Revue Encyclopédique*, sem, contudo, deixar de relativizar algumas de suas iniciativas.

No início da década de 1890, a proximidade de Xavier de Carvalho com os simbolistas franceses apareceu nos “Fanfreluches”, de Pedro Malazarte – pseudônimo do poeta e teatrólogo Antonio José Soares de Sousa Junior (1851-1893), que, por meio de versos, comentava os acontecimentos de sua época. Em “Condecorado!”, o redator da *Gazeta* faz alusão a uma nota publicada pelo jornal *Novidades*, de propriedade de Sylvio Baptista, na coluna “Ecos e Fatos”: a de que Xavier de Carvalho publicaria em Paris um livro de versos intitulado *Poesia humana*, e que seria prefaciado por Paul Verlaine e Stéphane Mallarmé (*NOVIDADES*, 19 de mar. 1891, p. 1, 7 col.). Inicia com a seguinte epígrafe: “Mallarmé e Verlaine vão prefaciар os versos de Xavier de Carvalho. Que ponta! Apostamos como o Pedro Malazarte vai meter a catana nisto”. Aparentemente, a menção de Pedro Malazarte retoma o fato de o *Novidades* ter finalizado sua notícia com este dizer: “Que dirá o Salamonde deste novo?”, certamente uma alusão a Eduardo Salamonde, diretor d’*O Paiz*:

Catana, por que, colega?
Não me faça assim tão mal!
Justiça aqui não se nega,
Não se nega nem a pau!

O meu mote é este, e creio
Que o cumpro de vez em quando:
- Como o bebê do Passeio,
Sou útil inda brincando.

É bem feliz quem alcança
Como o Carvalho, quem lê,
Prefácio, em língua de França,
De Verlaine e Mallarmé!

Colega, não sou perverso
E veja que o que nos conta
Em prosa, eu cá digo em verso:
- O Carvalho está na ponta!

Olha, colega estimado

O que afirmo com razão

- Ser assim prefaciado

Vale mais que ser barão! (MALAZARTE, 20 mar. 1891, p. 1, 6 col).

Anos depois, na seção de humor *O Engrossa*, a *Gazeta de Notícias* divulgou a seguinte consideração sobre o correspondente português: “O delicioso Xavier de Carvalho, das *Cartas Parisiennes* [sic], disse ontem aos leitores d’*O Paiz* – o que Paris comeu em 1898. Amanhã é capaz de dizer o que resultou disso...” (19 de julho de 1899, p. 1, 7 col). Meses mais tarde, Xavier de Carvalho, no entanto, não deixou de demonstrar certa rivalidade com os brasileiros, possivelmente próximos da *Gazeta*: quando discorreu sobre as “Lettres” de Lebesgue, declarou: “É pena que a crônica sobre as letras e as artes no Brasil seja tão resumida e tão incompleta e que o nosso amigo Lebergue [sic] aceite informações à toa, muitas delas partindo de *fumistas* profissionais” (*O ENGROSSA*, 8 out. 1899, p. 1, 4 col).

Na década de 1890, a *Gazeta de Notícias* polemizou certas publicações do *Mercur de France*. Por mostrar-se frequentemente elogiosa de Émile Zola, que era atacado na França pelos *novos*, o jornal publicou, em 1894, a seguinte nota, referindo-se ao estudo “Le crétin des Pyrénées”, de Léon Bloy, divulgado pelo *Mercur de France* em setembro do mesmo ano. Acima de tudo, a *Gazeta* questionou a validade daquilo que se publicou na *petite revue* de Vallette – colocando um ponto de interrogação após o vocábulo “estudo” – e, ao recorrer ao vocábulo “adversário”, mostrou o descompasso entre os naturalistas, parnasianos e outras estéticas. Quando enumera os epítetos utilizados por Bloy para caracterizar Émile Zola, a *Gazeta de Notícias* acaba por ressaltar aquilo que considerou como injúria contra o escritor francês, chamado de “empregado abjeto”, “delator”, entre outros adjetivos:

O sestro de injuriar e de descompor os que não nos agradam ou são nossos adversários por qualquer título, é desgraçadamente muito comum aos povos de raça latina. Aí vai um espécime das amabilidades que ao ilustre E. Zola dirigiu há pouco o Sr. Léon Bloy, num estudo (?) crítico que o *Mercur de France* publicou:

“Négociant littéraire, – Balcon de table d’hôte, – vieux serpent, – domestique, – Messie de la tinette, – Christophe Colomb d’un lieu commun, – bison, – cafard, – belle brute – crétin des Pyrénées” (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 28 set. 1894, p. 1, 5 col.).

A abordagem dada pela *Gazeta*, quando da morte de Stéphane Mallarmé, também se distanciou daquela feita por Xavier de Carvalho n’*O Paiz*: o poeta é elogiado, mas as qualidades dos novos são interrogadas, e previu-se que logo o Simbolismo e “mallarmismo”, rotulados como “inofensivos”, deixariam de existir. Há, nessa notícia, – que não aparece assinada, mas fora redigida por um correspondente – o estabelecimento de uma rivalidade entre Paul Verlaine e Leconte de Lisle, parnasiano que é considerado superior ao autor da “Chanson d’automne” – e o status de príncipe dos poetas é posto à prova por ter sido acordado por *La Plume*, que foi uma *petite revue*:

É preciso notar que este título de príncipe dos poetas não lhe é dado aqui [na França], por uma fantasia irônica e, muito menos, por uma exagerada admiração.

É que, por ocasião da morte de Verlaine, a tribo dos jovens artistas, entendendo que o cetro e auréola desse imperador da poesia não podiam ficar sem herdeiro, abriram um inquérito, por meio do jornal *La Plume*, sobre quem merecia as honras de tão bela herança.

Depois de um regular escrutínio, S. Mallarmé foi proclamado sucessor de Verlaine, que, por sua vez sucedera ao enorme Leconte de Lisle.

Havia nisso progresso? – Todas as famílias reinantes têm conhecido grandes vicissitudes.

O rei doido Carlos VI ocupou o mesmo trono que o ajuizado Carlos V (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 9 out. 1898, p. 1, 7 col.).

Por fim, ao considerarmos a orientação literária e ideológica da *Gazeta de Notícias*, deparamo-nos com o fato de que seus redatores se aproximavam de um reduto realista-naturalista, parnasiano e positivista e não aceitavam de bom grado a produção de literatos que ousavam romper as barreiras dessas estéticas e ideais. Isto se comprova, por exemplo, por meio da análise da poesia lírica divulgada pelo jornal, bem como pela maneira que recebeu os escritos de simbolistas brasileiros – Cruz e Souza foi, por vezes, motivo de chacota dos colaboradores do jornal.¹⁵ Ademais, a *Gazeta* parecia mais próxima da *grande presse* francesa – vide sua parceria

¹⁵ Na dissertação de mestrado intitulada “A poesia lírica na *Gazeta de Notícias*: indexação e antologia (1890-1900)”, defendida em 2012, Camila Soares López aponta a contribuição dada pelo jornal à divulgação de poemas e ao embate entre parnasianos e simbolistas.

com o jornal *Le Figaro*, anunciada em 1890,¹⁶ – constantemente refutada pelos colaboradores das *petites revues*, o que justifica a postura adotada. Já n' *O Paiz*, encontravam-se expoentes da geração de 1870, mas de posicionamento menos aguerrido e que recebiam de modo mais amistoso as contribuições da nova geração. Em suma, compreendemos os distanciamentos e proximidades a partir de uma querela que também provinha da França.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu período de efervescência, as *petites revues* cumpriram a missão a qual se propuseram: a de acolherem publicações estrangeiras e, igualmente, a de serem reconhecidas fora da França. Ao analisarmos a aproximação de escritores e periódicos de diferentes nacionalidades, constatamos a presença, no Brasil, não apenas daquilo que se discutia na grande imprensa francesa, mas, igualmente, nas revistas dos *novos*.

Ao recorrermos aos nomes de Philéas Lebesgue, Xavier de Carvalho e Figueiredo Pimentel, e aos jornais *O Paiz* e *Gazeta de Notícias*, obtivemos uma parte daquilo que pode ainda ser investigado sobre a presença do *Mercure de France* no Brasil e de nossa literatura no *Mercure*. Ao final, pudemos constatar que os referenciais daqueles que aspiravam às mudanças no campo literário e artístico europeu ecoaram em nossos impressos no fim do século XIX por meio dessa publicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. V. L. Tiradentes. Les Livres. *Mercure de France*, Paris, p. 87, t. 6 set 1892.

ANDERSON, Benedict. *L'imaginaire national: réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*. Traduction de l'anglais Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: La Découverte, 2002 (La Découverte Poche ; 123. Sciences humaines et sociales).

AUDIGIER, Émilie. Pudeur et liberté chez le traducteur Philéas Lebesgue. *Translations*, vol. 4, 2012. p. 47-56. DOI: 10.2478/tran-2014-0071. Acesso em: 08/01/2019.

¹⁶ Em 1º de janeiro de 1890, por exemplo, a *Gazeta de Notícias* informou aos seus leitores ter firmado, em 1889, um contrato com o *Figaro* para a elaboração em português de “sua artística e primorosa ilustração, para 1890” (p. 2, 4 col.).

BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. Editora Perspectiva, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Textos de Walter Benjamin*. Seleção, organização e tradução: Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 89, septembre 1991. Le champ littéraire.

FIGUEIREDO PIMENTEL. Lettres Brésiliennes. *Mercure de France*, Paris, p. 561, t. 37, fev. 1901.

GAZETA DE NOTÍCIAS. O pão do espírito. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 out. 1925, p. 2, 7 col.

_____. Rio de Janeiro, 28 set. 1894, p. 1, 5 col.

_____. Rio de Janeiro, 9 out. 1898, p. 1, 7 col.

_____. Rio de Janeiro, 9 out. 1898, p. 1, 7 col.

_____. Teatros e... *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1887, p. 2, 2 col.

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: História de uma mundialização*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

LEBESGUE, Philéas. Glanes dans les revues. *Les Primaires*, Paris, nº1, p. 17, 1925.

_____. Lettres Brésiliennes. *Mercure de France*, Paris, p. 146, t. 134, jul. 1919.

_____, Philéas. Lettres Portugaises. *Mercure de France*, Paris, p. 175, t. 22, abr. 1897.

_____, Philéas. Lettres Portugaises. *Mercure de France*, Paris, p. 655, t. 25, fev. 1898.

MALAZARTE, Pedro. Fanfreluches. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1891, p. 1, 6 col.

MAUCLAIR, Camille. L'Homme. *Les Primaires*, Paris, nº1, p. 2, 1925.

MERCURE DE FRANCE. Echo. *Mercure de France*, Paris, p. 191, t. 19, jul. 1896.

NOVIDADES. Ecos e fatos. *Novidades*, Rio de Janeiro, 19 de mar. 1891, p. 1, 7 col.

O ENGROSSA. Correio do *Engrossa*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 8 out. 1899, p. 1, 4 col.

O PAIZ. Paris e Rio. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 21 jan. 1891, p. 2, 1 col.

VERILHAC, Yoan. La fabrique médiatique de la postérité du symbolisme. *Médias 19* [En ligne], Problématiques et perspectives, Publications, L'Atelier médiatique de l'histoire littéraire, mis à jour le 15/02/2014. URL: <http://www.medias19.org.php?id=16001>. Acesso em: 25/06/2014.

WIFERT-PORTAL, Blaise. Les importateurs de littérature étrangère en France, 1885-1914. Portal Le Seuil, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2002/4, n° 144.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 19 jun. 1893, p. 1, 7 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 3 ag. 1896, p. 2, 3 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 12 maio 1891, p. 1, 1 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 jul. 1898, p. 3, 7 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 fev. 1895, p. 2, 4 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 2 mar. 1898, p. 2, 1 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 6 jan. 1893, p. 2, 3 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 29 nov. 1898, p. 2, 2 col.

Z. O apostolado positivista no Brasil. Les Livres. *Mercure de France*, Paris, p. 178, t. 6, out 1892.